

MODOS DE MORAR NA ZONA DA MATA MINEIRA: O RURAL EM TRANSIÇÃO¹

WAYS OF LIVING IN THE ZONA DA MATA MINEIRA: THE RURAL REGION IN TRANSITION

FORMAS DE VIVIR EN LA ZONA MINERA DE LA MATA: UN RURAL EN TRANSICIÓN

Neide Maria de Almeida Pinto²
Ana Louise de Carvalho Fiúza³
Miguel Azedo de Moraes⁴
Caique de Souza Melo⁵

Resumo

A pesquisa teve como objetivo analisar as mudanças nos modos de morar e nos *habitus* domésticos das famílias agricultoras da Zona da Mata Mineira, com foco no município de São Miguel do Anta. Por meio de uma abordagem descritivo-explicativa foram examinados três grupos de variáveis: infraestrutura doméstica e serviços, tecnologias de bens de consumo e comunicação, e práticas de consumo e sociabilidade familiar. Os resultados indicaram um processo de transformação nas formas de habitação das comunidades rurais, evidenciado por alterações no padrão residencial da população. Constatou-se também que o acesso a tecnologias, práticas e bens vinculados à vida urbana é conjugado com a persistência de elementos e práticas tradicionais, evidenciando processos de hibridização nos modos de vida, em que valores e práticas urbanos são incorporados enquanto convivem com hábitos e tradições característicos das sociedades rurais.

Palavras-chave: Modos de morar, Campo, Consumo, Habitus domésticos

Abstract

The present research aimed at studying changes in ways of living and domestic habits, of rural families in the Zona da Mata region of Minas Gerais, focusing the municipality of São Miguel do Anta. Through a descriptive-explanatory approach, three groups of variables were examined: domestic infrastructure and services, consumption and communication technologies, and family consumption and sociability practices. The results indicated a process of transformation in the housing forms of rural communities, evidenced by changes in the residential patterns of the population. It was also found that access to technologies, practices, and goods linked to urban life is combined with the persistence of traditional elements and practices, highlighting processes of hybridization in lifestyles, where urban values and practices are incorporated while coexisting with habits and traditions typical of rural societies.

Keywords: Ways of Living, Rural Areas, Consumption, Domestic habits.

¹ Esta pesquisa integra os resultados de um projeto financiado pelo CNPq, ao qual os autores agradecem pelo apoio. O projeto intitula-se: “As casas da cidade chegam ao campo: as transformações dos modos de morar das famílias de agricultores e as reconfigurações dos seus modos de vida”.

² Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutorado em Sociologia no Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho em Portugal. Professora Titular vinculada ao Departamento de Serviço Social e ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil. E-mail: nalmeida@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8713-5471>.

³ Professora Titular da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, MG, Brasil. Pós-Doutorado no Centro de Investigações em Ciências Sociais da Universidade do Minho, em Portugal. Professora do Departamento de Economia Rural e do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, MG. E-mail: louisefiúza@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3898-1583>.

⁴ Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Viçosa, ingresso em 2021. Atualmente cursando o oitavo período. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq (2023) e pela FAPEMIG (2024). E-mail: miguel.morais@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0969-0466>.

⁵ Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista pela Fapemig (2023). Email: caique.melo@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2264-5341>.

Resumen

La presente investigación tuvo como objetivo estudiar los cambios en los patrones de vivienda y el hábitus doméstico de las familias campesinas en la región de la Zona da Mata de Minas Gerais, con un enfoque en el municipio de São Miguel do Anta. A través de un enfoque descriptivo-explicativo, se examinaron tres grupos de variables: infraestructura y servicios domésticos, tecnologías de consumo y comunicación, y prácticas de consumo y sociabilidad familiar. Los resultados indicaron un proceso de transformación en las formas de vivienda de las comunidades rurales, evidenciado por cambios en los patrones residenciales de la población. También se encontró que el acceso a tecnologías, prácticas y bienes vinculados a la vida urbana se combina con la persistencia de elementos y prácticas tradicionales, destacando procesos de hibridación en los estilos de vida, donde se incorporan valores y prácticas urbanas mientras coexisten con hábitos y tradiciones propias de las sociedades rurales.

Palabras clave: Formas de vivir, Zonas rurales, Consumo, Hábitos domésticos.

INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objetivo analisar as transformações nas casas e nos modos de morar no campo, com foco na Zona da Mata Mineira. O recorte geográfico incluiu domicílios localizados em uma comunidade rural do município de São Miguel do Anta. A casa, entendida como um artefato da cultura material, serve como testemunho das transformações tecnológicas ao longo do tempo e da forma como diferentes segmentos da sociedade se apropriam dessas mudanças. Nesse contexto, estudar os modos de morar no campo permite compreender como os rurais foram se relacionam com os processos de urbanização e modernização, intensificados pela globalização. Observa-se uma tendência crescente de diversificação das atividades no campo, sobretudo a partir da década de 1990, com o crescimento das atividades não agrícolas. Nesse período, o campo passou a ser valorizado não apenas pela produção agrícola, mas também por oferecer opções de lazer, esporte, descanso, contemplação, turismo, segunda residência, gastronomia, dentre tantas outras possibilidades (Jacinto, Mendes e Frigo, 2011).

Este trabalho parte da premissa de que o campo só pode ser plenamente compreendido a partir de suas relações e interconexões estabelecidas em diferentes escalas com a cidade. Da mesma forma, o urbano só pode ser entendido em sua totalidade por meio de suas conexões com o rural, resultando de uma articulação dialética de formas e funções que configuram o que pode ser chamado de um “modo de vida” (Endlich, 2010). Assim,

(...) poder-se-ia afirmar que, na atualidade, o urbano desenvolve-se no rural e o rural no urbano. Em parte, essa problemática decorre das novas formas assumidas pela cidade – descontinuidade territorial –, criando, assim, o urbano muito além das cidades – cultura urbana, num sentido lefebvriano (Jacinto, Mendes e Frigo, 2011:5).

Assim, ao descrever o processo de produção do espaço urbano, compreendemos também suas interrelações com os espaços rurais. A cultura urbana, de natureza expansiva, ultrapassa os limites das cidades ao incorporar tecnologias e práticas de consumo relacionadas ao seu estilo de vida. Essa dinâmica promove a disseminação de um modo de viver urbano que penetra nos campos, aldeias e pequenas localidades, por meio de sistemas de objetos e valores, como observado por Milton Santos (2012; 1996). Como resultado, a urbanização tende a reduzir progressivamente a distinção entre a vida urbana e a rural. Nesse contexto, esta pesquisa busca, a partir da análise das configurações das casas rurais, investigar como o tipo de moradia dos agricultores se relaciona com padrões de urbanidade, permanência da ruralidade ou ru-urbanidade (hibridização dos modos de vida). Em outras palavras, compreender como os rurais absorvem as influências do modo de vida urbano e, particularmente, como incorporam a monetarização da vida permite explorar a construção de novos referenciais de mundo e práticas cotidianas. A pesquisa se concentra na Zona da Mata Mineira, uma região marcada por um *habitus* predominantemente rural.

Neste estudo, os conceitos de "rural" e "urbano" são abordados como "modos de vida", em linha com as perspectivas de Lefebvre (2001), Rambaud (1969) e Elias (1994). Os modos de moradia podem ser examinados por meio da estrutura e organização espacial das residências, bem como das tecnologias domésticas presentes, que refletem as referências culturais dos residentes e as interações cotidianas que estabelecem. Esses elementos fornecem *insights* sobre valores, concepções de vida e visões de mundo.

O ESPAÇO DOMÉSTICO DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Ao longo da história, o espaço doméstico passou por transformações sociais profundas, que redefiniram os significados e as experiências de morar. Essas mudanças refletem transformações tanto na sociedade local quanto no contexto global. Durante o período colonial brasileiro, por exemplo, a estrutura das casas era sustentada pela mão de obra escravizada, essencial em um território em expansão e com carência de recursos básicos. Essa realidade levou as fazendas a desenvolverem uma autossuficiência, produzindo tanto itens destinados à exportação quanto os bens necessários para sua subsistência. A dinâmica das casas rurais brasileiras desse período estava profundamente vinculada às condições históricas e sociais da época. Caracterizava-se por uma fusão entre os espaços públicos e privados: capelas e

espaços de devoção indicavam um ambiente voltado ao público, enquanto a sala de estar, aberta aos visitantes, reforçava a interação social. A noção de intimidade burguesa ainda não havia se estabelecido, evidenciada pela ausência de divisões completas entre o teto dos quartos e os demais cômodos, refletindo um estilo de vida integrado e compartilhado.

Segundo Algranti (1997), a dispersão entre vilas e cidades dificultou a formação de um espaço público unificado, regulado por costumes e leis normativos, que pudesse ser compartilhado por uma comunidade interativa. No contexto de isolamento, a casa rural assumia um papel que transcendia o simples fornecimento de abrigo e descanso aos seus habitantes; ela também era o centro onde diversas atividades essenciais à sobrevivência do grupo eram realizadas. Tanto as atividades produtivas quanto aquelas ligadas à reprodução do grupo estavam intimamente ligadas à casa. Dessa forma, a natureza agrícola dessas atividades deixava uma marca distintiva na arquitetura desse período: ao redor da casa, por exemplo, era comum a presença de quintais, jardins, pomares e hortas, além de anexos que delimitavam o espaço doméstico destinado ao convívio, ao cuidado dos animais e ao processamento doméstico dos alimentos. A indústria doméstica abrangia o processamento de alimentos, o vestuário, a fabricação de móveis, os utensílios domésticos e as ferramentas para uso na propriedade. O espaço produtivo e o espaço da vida familiar encontravam-se, portanto, amalgamados.

Com a urbanização da sociedade a partir do século XIX, os sistemas produtivos se diversificaram, e a monetarização da vida tornou-se intrinsecamente ligada às oportunidades de consumo. Esse processo resultou no surgimento de um estilo de vida urbano que se difundiu para as áreas rurais, vilarejos e pequenas localidades, impulsionado pela disseminação de objetos e valores, como apontado por Milton Santos (1993). Com o avanço da industrialização, a partir da década de 1960, a urbanização passou a se expandir de maneira progressiva para o campo, intensificando essa transformação. Segundo Rambaud (1969), a urbanização ocorre por um processo de aculturação. Endlich (2010) caracteriza o "rural" como um modo de vida que, embora tenha perdido sua hegemonia, permanece com características distintas, com transformações que ocorreram de maneira desigual e conforme as particularidades de cada contexto. Na mesma direção, Lefebvre (2001) aponta que rural e urbano são construções historicamente situadas, refletindo as características do contexto social de cada época. Segundo Brandão (2018), o modo de vida abrange as condições materiais e simbólicas que moldam a existência de um grupo em um determinado período histórico, englobando o aparato tecnológico empregado no trabalho, nas práticas cotidianas, nas

relações de trabalho, nas concepções de tempo cíclico ou linear, nas atividades de lazer e na cultura desse grupo social. No Quadro 1, a seguir, é apresentada uma síntese dos tipos ideais referentes aos modos de vida rural e urbano.

Quadro 1 - Tipos ideais relativos aos modos de vida rural e urbano

Modo de vida	Rural	Urbano
Visão social de mundo	Voltada para o tempo passado e presente	Voltada para o planejamento do tempo futuro
Padrões de consumo		
Alimentação	Predomínio do autoconsumo	Predomínio do Consumo Externo
Vestuário	Dispêndio restrito com vestuário habitual	Dispêndio frequente com vestuário habitual
Lazer	Gastos restritos com lazer	Gastos frequentes com lazer
Modos de morar		
Móveis	Predomínio de móveis artesanais e/ou rústicos	Predomínio de móveis modulares industrializados
Artefatos domésticos	Artesanais	Industrializados
Meios de comunicação	Pessoalizados (Rádio local, carta).	Crescentemente virtualizado (TICs)
Estrutura produtiva		
Tipo de Trabalho	Predomínio de famílias exclusivamente agrícolas.	Predomínio de famílias pluriativas.
Vínculo com a terra	Central	Periférico
Escolaridade	Acesso limitado ao ensino fundamental	Não há limitação ao acesso a qualquer nível de ensino

Fonte: Braga, Fiúza, Pinto (2015).

À medida que a sociedade se urbaniza e os sistemas produtivos se diversificam, surgem novas oportunidades de consumo, o que provoca uma reestruturação das relações com o ambiente e gera mudanças, atribuindo novos significados a práticas tradicionais. Assim, desenvolveu-se um estilo de vida urbano que permeou as áreas rurais, aldeias e pequenas localidades por meio de sistemas de objetos e valores. Conseqüentemente, a urbanização tendeu a diminuir progressivamente a distinção entre a vida urbana e rural. No contexto brasileiro, especialmente a partir da década de 1980, a cultura urbana se expandiu para as áreas rurais, atuando como catalisadora da incorporação de elementos urbanos nas

tecnologias e nas dinâmicas do modo de vida rural. Os modos de moradia refletem, portanto, a “relação estabelecida por uma pessoa ou família com sua casa, a qual pode ser analisada através do tempo passado na residência, do interesse despertado nos seus moradores e, principalmente, nas práticas desenvolvidas ali” (Bernard, 1995:30). Para Pereira (2012), a casa, efetivamente, molda a vida privada de forma ideológica, servindo como um quadro normativo para a família.

As transformações dos modos de morar também podem ser examinadas à luz da teoria da cultura de consumo. De acordo com Barbosa (2004), o consumo assumiu uma dimensão na sociedade contemporânea que possibilita a discussão de questões que envolvem diversas esferas da experiência humana, além de contribuir para a compreensão dos processos sociais e culturais. Nesse contexto, os estudos têm se buscado a enfatizar a influência dos processos subjetivos na seleção de bens e serviços, buscando relacionar os valores e as práticas associados ao consumo de determinados objetos. Ressalta-se, assim, o impacto da cultura material na vida das pessoas e a interconexão do consumo com diversos aspectos da vida social.

Estes pressupostos estão presentes em teorias que caracterizam a sociedade moderna como uma sociedade do consumo. Bourdieu (2011) destaca a importância das práticas de consumo na formação e manutenção das relações sociais de poder, em que bens e mercadorias são usados para estabelecer distinções de status. De acordo com Douglas e Isherwood (2004), as mercadorias fazem parte de um sistema de informações, sendo utilizadas para comunicar e estabelecer conexões entre visões de mundo semelhantes, ao mesmo tempo em que excluem perspectivas divergentes, criando fronteiras nas relações sociais. Baudrillard (1994) sustenta que o consumo na modernidade envolve a manipulação ativa de signos, os quais possuem significados autônomos em relação aos objetos. Na sociedade pós-moderna, o marketing e a propaganda têm como objetivo não apenas vender produtos, mas também promover estilos de vida que evocam um conjunto de significados. Nesse contexto, produtos e serviços passam a expressar ideias de modos de vida completos, atribuindo tanto ao consumidor quanto ao produto uma identidade social dentro de um cenário repleto de simbolismos. É sob essa ótica que Campbell (2001) analisa o consumo na modernidade, caracterizando-o como uma atividade que possibilita o reconhecimento e a afirmação da identidade social dos indivíduos.

Nesse contexto, este estudo teve como objetivo compreender as transformações nas casas e nos estilos de vida das comunidades rurais, mudanças essas que se manifestam sob a

ótica da modernidade e dos processos de urbanização. O interesse recai sobre o fato de que as alterações nos padrões de consumo, especialmente intensificadas nas áreas rurais devido à crescente monetarização da vida, possibilitam uma compreensão mais abrangente das dinâmicas entre o campo e a cidade, por meio da expressão da modernidade no ambiente doméstico.

METODOLOGIA

Para analisar a influência dos padrões urbanos nos modos de vida dos rurais, foi considerada a realidade dos pequenos municípios na Zona da Mata de Minas Gerais, com destaque para o município de São Miguel do Anta, MG, localizado nesta região, que atualmente conta com 6.334 habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2022). A seleção desse município justifica-se por ser um exemplo típico dos municípios mineiros, com menos de 10 mil habitantes, o que corresponde a 79% do total. Sua economia é, predominantemente, agrícola. Assim, o objetivo desse estudo, por meio dos procedimentos metodológicos apresentados, é analisar como os padrões urbanos de vida são absorvidos no meio rural, tendo como base um pequeno município do interior de Minas Gerais.

Este trabalho, de natureza descritivo-explicativa, foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira, realizou-se a caracterização do município de São Miguel do Anta, utilizando-se dados secundários disponibilizados pelo IBGE (Censo Demográfico e Censo Agropecuário). Tal caracterização considerou o porte populacional, o perfil demográfico da população, as atividades econômicas desenvolvidas, a cobertura dos sistemas de serviços básicos. Na segunda etapa dos procedimentos metodológicos, foram utilizados os dados agregados por setor censitário da série histórica (IBGE, Censo Demográficos de 1991, 2000 e 2020). A partir desses dados, realizou-se a caracterização dos domicílios rurais em São Miguel do Anta, considerando a tipologia e a situação do domicílio, a infraestrutura de saneamento e energia elétrica, a configuração espacial (presença e quantidade de cômodos), além do perfil demográfico e socioeconômico dos moradores. Foram aplicados questionários a 49 moradores da comunidade de Capivara⁶, localizada em São Miguel do Anta, MG⁷. O questionário foi

⁶ De acordo com o Censo de 2010 e com a projeção populacional do Censo de 2022, o número de questionários correspondeu a 8,01% dos domicílios rurais na comunidade da Capivara, com erro percentual de 9%.

⁷ Para desenvolvimento da pesquisa de campo, tanto o projeto quanto o questionário foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da Universidade Federal de Viçosa, obtendo aprovação em 17 de março de 2022.

estruturado em três blocos de perguntas, com os seguintes objetivos: 1) caracterizar o grupo familiar; 2) descrever a casa e a propriedade e 3) identificar as práticas de consumo e sociabilidade da família. Os dados obtidos foram compilados no Excel e analisados a partir de categorias analíticas que incluem: acesso da casa a serviços essenciais (saneamento básico, energia elétrica e internet); estrutura e espacialidade da casa; tecnologias de bens de consumo, informação e comunicação na residência; e práticas de lazer e sociabilidade realizadas no espaço doméstico.

Com o objetivo de compreender as expressões do processo de urbanização nos modos de morar no campo, os resultados foram organizados em quatro subgrupos temáticos: (1) acesso da casa a serviços essenciais (saneamento básico, energia elétrica e internet); (2) estrutura e espacialidade da residência; (3) tecnologias de bens de consumo, informação e comunicação; e (4) práticas de lazer e sociabilidade desenvolvidas no espaço doméstico. Assim, a investigação foi direcionada para dois grupos de tecnologias presentes no espaço doméstico: aquelas relacionadas aos serviços de infraestrutura e as associadas aos eletrodomésticos⁸.

No primeiro grupo de variáveis, foram considerados os dados relacionados à infraestrutura da casa incluindo o material utilizado na construção das paredes e pisos, acesso à água encanada, fornecimento de energia elétrica, coleta de lixo, destino dos dejetos, condição de propriedade ou posse da terra e o número de banheiros. No segundo grupo analisaram-se os bens de consumo presentes nas residências rurais, como tecnologias de informação e comunicação, eletroeletrônicos, eletrodomésticos e veículos. Além disso, foram examinadas variáveis relacionadas aos elementos presentes na propriedade, às atividades relacionadas pelo grupo e aos interesses que os motivam. Também se buscou identificar as práticas de consumo e sociabilidade do grupo, que podem estar fortemente associadas a signos de urbanidade e modernidade.

RESULTADOS

A urbanização dos domicílios rurais: o caso de São Miguel do Anta, MG

⁸ Para Silva (1998), as tecnologias domésticas podem ser categorizadas em três grupos distintos. O primeiro deles abrange os serviços de infraestrutura, que engloba a disponibilidade de água encanada, sistemas de esgoto, coleta de resíduos e o acesso à energia elétrica. O segundo grupo compreende os eletrodomésticos, constituídos por máquinas e dispositivos utilizados para a execução das tarefas domésticas. Por fim, o terceiro grupo engloba as mercadorias, representando os produtos processados adquiridos no mercado, sejam eles pré-processados ou semiprocessados.

São Miguel do Anta é um município classificado pelo IBGE (2010) como de porte “Pequeno I”, devido à sua população inferior a 10 mil habitantes. Com uma área territorial de 152,1 km², o município possuía, em 2022, uma população estimada de 6.334 habitantes, dos quais 55,4% residiam na área urbana, enquanto os 44,6% restantes residiam na zona rural. Em 2010, o Censo Demográfico registrou um total de 2.058 domicílios, sendo 1.159 localizados no perímetro urbano e 899 na zona rural. O índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) era de 0,644, classificando o município na faixa intermediária. No ano de 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita municipal alcançou R\$13.634,86, com destaque para o setor de prestação de serviços, que apresentou o maior crescimento (28,70%), seguido pela agropecuária (25,66%) e pela indústria (6,37%). São Miguel do Anta está situado a apenas 26 Km de Viçosa, um centro urbano com mais de 50 mil habitantes, acessível em menos de uma hora de deslocamento. Viçosa, que abriga instituições de ensino superior nos níveis de graduação e pós-graduação, destaca-se como um polo atrativo para a população dos municípios vizinhos, incluindo São Miguel do Anta, conforme na pesquisa das *Regiões de Influência das Cidades* do IBGE (2020). Além da atratividade do ensino superior, o município exerce atração nos municípios de menor hierarquia no setor do comércio, saúde e lazer, entre outros, funcionando como destino para deslocamentos oriundos de municípios de menor hierarquia regional, que buscam serviços e oportunidades de maior alcance.

Mesmo em um pequeno município com economia predominantemente agrícola e dependente de repasses de verbas estaduais, o ritmo das mudanças nos domicílios rurais é notável, especialmente devido às melhorias nos serviços de energia elétrica e internet. Nos domicílios pesquisados em São Miguel do Anta, MG, a cobertura do sistema de energia elétrica foi de 100%, e todos os lares possuíam acesso à internet. A cobertura integral dos serviços de energia elétrica e internet é fundamental para que tecnologias domésticas, de comunicação e de informação sejam incorporadas de forma eficaz ao cotidiano das famílias em áreas rurais. No que diz respeito ao acesso à rede urbana de abastecimento de água e à coleta de lixo, observou-se que 84,2% dos domicílios utilizavam poço artesiano, enquanto apenas 7,9% contavam com abastecimento proveniente da rede geral. O cuidado com o tratamento da água para consumo foi reportado em 62,2% dos lares, indicando uma aproximação desse segmento às práticas comuns nas áreas urbanas. Quanto ao destino do lixo, 76,9% dos domicílios eram atendidos pelo serviço público municipal de coleta, evidenciando uma expansão na cobertura desse serviço, enquanto 47,2% contavam com coleta seletiva. Nenhum dos entrevistados

declarou descartar o lixo em terrenos baldios, logradouros ou valas abertas, indicando maior conscientização e adequação no manejo correto de resíduos sólidos.

O acesso à rede urbana de abastecimento de água e à coleta de lixo em áreas rurais é um dos indicadores mais relevantes do processo de urbanização nessas regiões. A expansão das redes de saneamento básico e de serviços urbanos para áreas rurais reflete uma transformação gradual que evidencia o processo de urbanização dessas áreas. Contudo, enquanto serviços como energia elétrica, internet e coleta de lixo avançam no campo, alinhando-se aos padrões urbanos de qualidade de vida, os sistemas de abastecimento de água e esgoto ainda enfrentam limitações significativas. Verificou-se que 51,40% dos domicílios descartavam o esgoto diretamente em rios ou lagos, enquanto apenas 32,4% tinham acesso a rede de esgoto ou rede pluvial. Práticas rudimentares de descarte ainda persistem, como a queima de lixo em 23,1% das propriedades e o uso de fossas rudimentares em 8,1% dos domicílios, evidenciando desafios estruturais para a universalização do saneamento básico nessas áreas.

A estrutura das moradias, especialmente os materiais utilizados em sua construção, é um dos aspectos que mais evidenciam a influência da cultura urbana nas sociedades rurais. Ao analisar os materiais empregados no piso e nas paredes, observa-se uma significativa aproximação entre as casas rurais e urbanas. Nas áreas rurais pesquisadas, 85,0% das residências possuem piso com revestimento cerâmico. Quanto às paredes, 76,30% utilizam blocos de concreto ou tijolos cerâmicos, enquanto 23,70% optam por blocos de solo-cimento. Apenas uma das casas empregou madeira nas paredes, e nenhuma fez uso de adobe ou taipa. Em relação ao revestimento, a tinta industrial foi predominante, sendo aplicada em 62% das casas, seguida por tinta à base de cal e pigmentos naturais (21,10%), emboço e/ou chapisco (10,50%) e tijolos aparentes (5,30%). Essa tendência contrasta com as descrições de Algranti (1997), que retratava moradias rurais cuja arquitetura era amplamente moldada pelo uso de recursos locais, como barro, madeira e pedra. As moradias pesquisadas, em sua maioria, são construídas com materiais industrializados, demonstrando uma menor utilização de recursos locais ou de produção própria. Isso reflete uma transformação significativa nos padrões construtivos, marcados pela incorporação de elementos típicos da urbanidade.

Gráfico 1 – Material utilizado no piso dos domicílios:

Gráfico 2 – Material utilizado na cobertura dos domicílios:

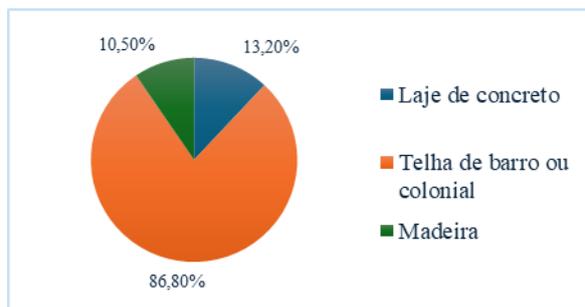
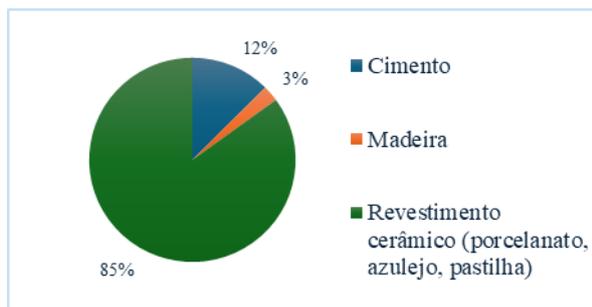


Gráfico 3 – Material utilizado nas paredes:

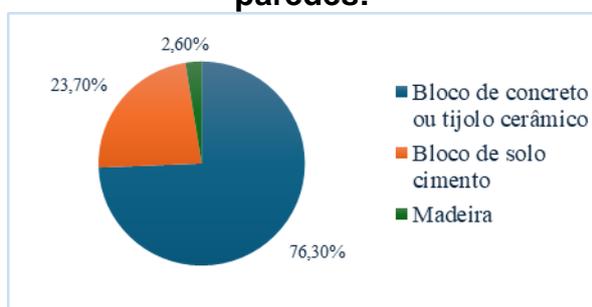
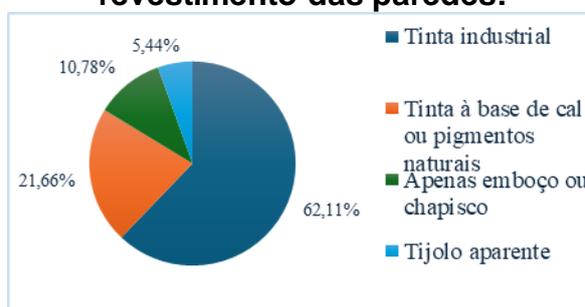


Gráfico 4 – Material utilizado no revestimento das paredes:



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

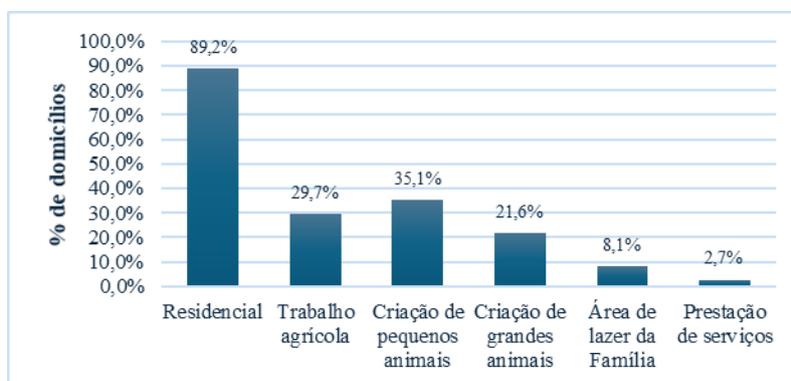
O material utilizado na cobertura das casas pesquisadas era predominantemente telha de barro ou colonial, presente em 86,80% dos domicílios. Nenhum dos entrevistados relatou o uso de telhas de amianto, cobertura de palha ou piso de chão batido em suas residências. O amplo uso de telhas coloniais nas habitações suscita reflexões sobre o papel cultural na configuração das casas. Inicialmente, a escolha por esse tipo de cobertura esteve associada a razões funcionais, dado o baixo nível de tecnologização envolvido em sua fabricação. Contudo, as telhas coloniais foram gradualmente incorporadas como um arquétipo da moradia rural, consolidando-se como um "elemento vernacular". Assim, a preferência por esse material deve ser analisada tanto sob uma perspectiva funcional quanto cultural, considerando sua ligação com a materialidade e a identidade rural. Essa análise também se aplica a outros aspectos da casa, como os revestimentos de piso e parede, cuja maior similaridade com os padrões urbanos reflete a crescente influência das estéticas e simbologias urbanas nas áreas rurais, impulsionada pela expansão da cultura urbana para o campo. Os dados sobre a estrutura e organização espacial das casas apontam para uma posição intermediária entre os padrões rurais e urbanos, combinando elementos característicos de ambos. Esse processo evidencia a incorporação gradual de referências urbanas nas moradias rurais. Conforme argumenta

Morales Fonseca (2016), as características das casas rurais contemporâneas foram decompostas e reconfiguradas, estabelecendo novas formas de morar baseadas na assimilação de ideias, modos de vida e visões de mundo urbanas. Essa transformação se manifesta na ressignificação do espaço doméstico e na percepção de habitar nas áreas rurais.

Os usos e práticas dos espaços como indicativos do padrão de urbanização

No contexto espacial estudado, as habitações podem ser caracterizadas tipologicamente como casas (84,2%) de um único pavimento (88,2%). A maioria das propriedades era de posse dos próprios moradores (78,38%), desempenhando o papel de espaço produtivo voltado para a subsistência do grupo familiar. Contudo, torna-se imprescindível investigar a escala, as finalidades e o grau de tecnologização das atividades agrícolas realizadas. Essa análise é fundamental para compreender as transformações nas práticas tradicionais do campo, resultantes da incorporação de elementos e tecnologias típicas de ambientes urbanos.

Gráfico 5 – Usos da casa e da propriedade.



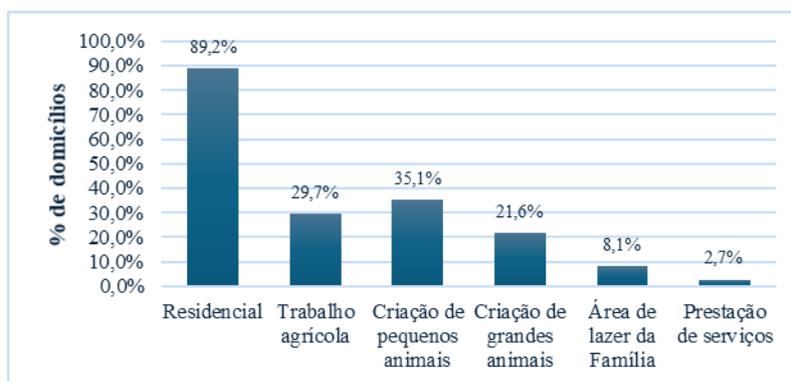
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Até a década de 1980, as casas do meio rural possuíam características marcadamente diferentes das urbanas, desempenhando o papel de unidades integradas de produção e de reprodução. Nesta configuração, as esferas econômica e doméstica estavam intrinsecamente interligadas. No entanto, com o avanço do processo de monetarização no campo, esta conexão foi gradualmente enfraquecida. Em um contexto predominantemente rural, as famílias mantinham uma forte dependência da terra, que era a principal fonte de subsistência. Já em cenários mais urbanizados, tornou-se cada vez mais comum a separação entre o espaço residencial e os locais de trabalho dos membros das famílias de agricultores. Conforme

destacado por Karin Wall (1988), nas áreas rurais mais tradicionais, as casas não se limitavam à função de moradia, mas também serviam como espaços de produção e de indústria doméstica. O grande desafio dessas famílias era garantir a produção necessária para sustentar o grupo doméstico, mantendo-o engajado tanto no trabalho agrícola quanto nas atividades relacionadas ao lar (Wall, 1998). Atualmente, contudo, a pluriatividade dos membros das famílias agricultoras evidencia uma combinação crescente de atividades agrícolas e não agrícolas, muitas vezes desempenhadas simultaneamente.

Na constituição dos modos de vida das famílias pesquisadas, as casas desempenhavam uma função multifacetada, servindo não apenas como abrigo, mas também como espaços de produção e de indústria doméstica. Os dados revelaram que muitas famílias utilizavam suas propriedades para a produção de alimentos: 35,1% criavam pequenos animais, como aves, suínos e peixes, enquanto 21,6% se dedicavam à criação de grandes animais, como gado. Ademais, a presença de hortas em mais de 89% dos domicílios, paióis em cerca de 60% e galinheiros ou chiqueiros em mais de 40% das residências evidencia a cultura ou a necessidade de cultivar e produzir alimentos para o consumo próprio.

Gráfico 5 – Usos da casa e da propriedade:



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No entanto, apesar de significativos, os dados indicam que a proteína presente da dieta das famílias não era predominantemente oriunda da criação de animais na propriedade. Em 60,0% dos domicílios, a carne consumida era adquirida no comércio local, seja no município de São Miguel do Anta, seja em municípios vizinhos. Essa prática de consumo reflete um processo de hibridização dos modos de vida no campo, uma vez que a subsistência do grupo dependia tanto da produção doméstica quanto do mercado.

Quanto à espacialidade das casas, tomam-se como referência os estudos de Algranti (1997), Lemos (1989) e Costa e Mesquita (1978), que analisam as características das casas rurais brasileiras e suas transformações ao longo do tempo por meio de estudos e inventários. Esses trabalhos distinguem os padrões habitacionais rurais e urbanos, destacando que a quantidade e o tipo de espaços presentes nas casas podem revelar elementos de convergência entre os dois modos de vida. Espaços como varandas, copas, cômodos de costura e de ferramentas, hortas e quintais, tradicionalmente associados à indústria doméstica e à lavoura, são característicos das habitações rurais. Em contraste, salas de TV e de jantar, escritórios, lavabos, áreas de serviço, áreas gourmet, entre outros, são típicos das casas urbanas.

Os dados da pesquisa mostram que a tipologia das casas rurais estudadas incluía, predominantemente, uma cozinha (79,5%), um banheiro (71,8%) e três ou mais quartos (79,4%). Apenas uma residência não possuía cozinha ou banheiro, o que indica que os cômodos essenciais associados às atividades humanas, como a cozinha, o quarto e o banheiro estavam presentes na grande maioria das habitações. É relevante destacar que os padrões de saneamento típicos da sociedade urbana estavam também presentes na área de estudo: cerca de 98% dos domicílios pesquisados possuíam banheiro, e mais de 25% deles contavam com dois ou mais banheiros por residência.

Gráfico 6 – Número de cômodos básicos presentes na casa

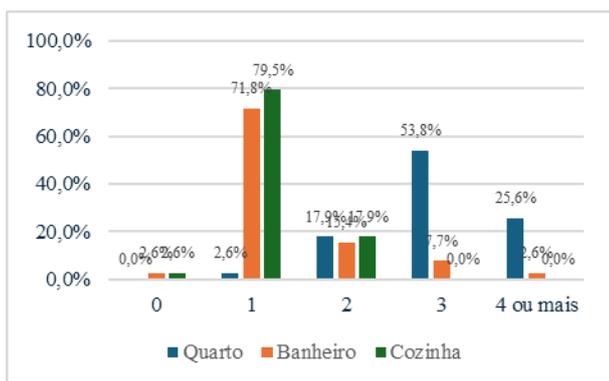
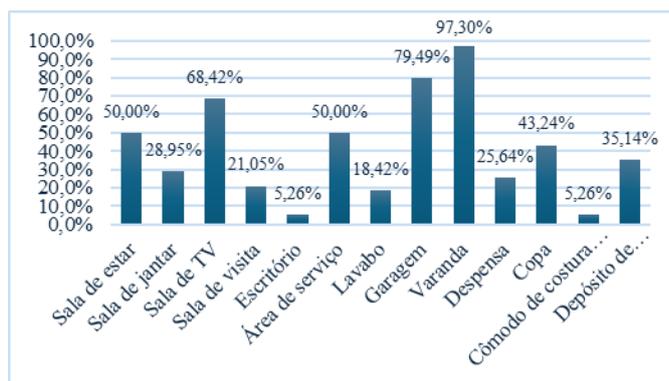


Gráfico 7 – Outros cômodos presentes na casa ou na propriedade

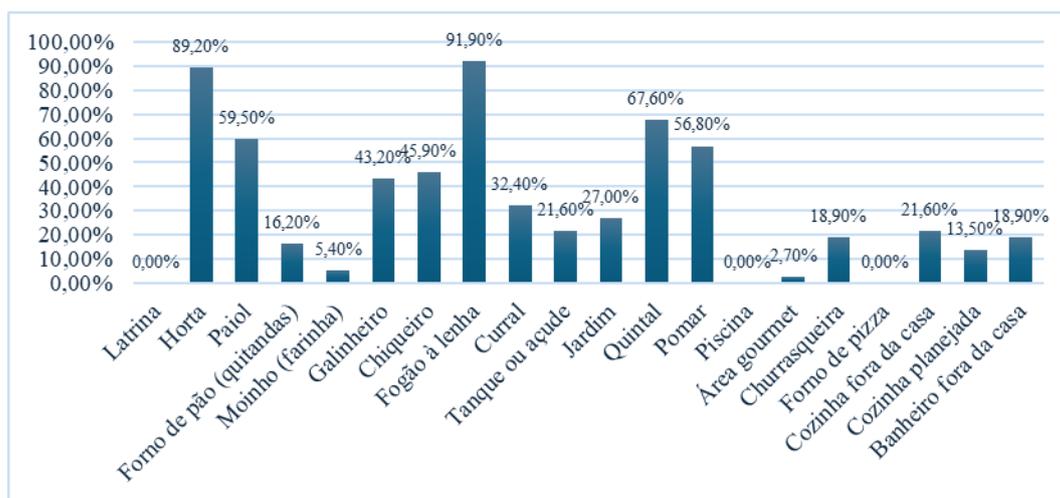


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Além dos espaços geralmente integrados à casa, outros elementos presentes na propriedade podem ser incluídos nesta análise. O Gráfico 8 revela que a horta estava presente em mais de 89% dos domicílios pesquisados, o paiol em cerca de 60%, enquanto galinheiros e chiqueiros eram encontrados em mais de 40% das propriedades. Esses dados evidenciam a

continuidade da prática tradicional das famílias de cultivar e criar seus próprios alimentos, característica marcante do modo de vida rural. Além disso, o Gráfico 8 destaca, além da presença da horta e do quintal, também, a frequência de elementos como o fogão à lenha, o pomar, o paiol, o galinheiro e o curral, que são símbolos da persistência do estilo de vida rural nas propriedades analisadas.

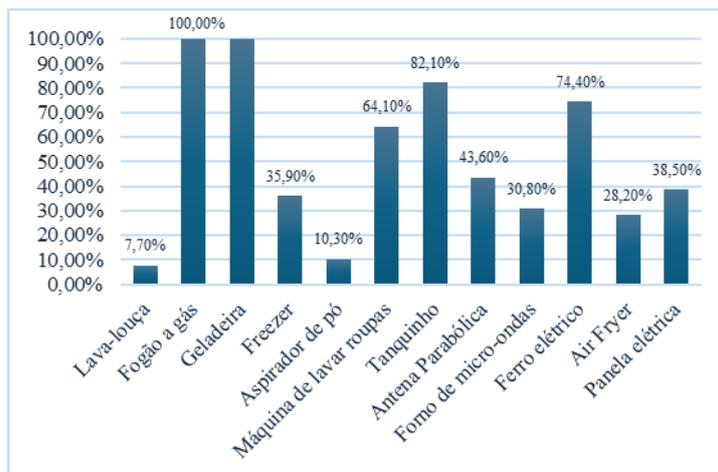
Gráfico 8 – Espaços e elementos presentes na casa ou na propriedade.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As marcas do rural, no entanto, podem estar associadas a uma realidade de maior vulnerabilidade econômica das populações rurais em comparação às urbanas, refletindo sua menor capacidade de realizar mudanças estruturais que demandem altos custos. Menos de 65% dos entrevistados relataram ter feito reformas em suas casas nos últimos cinco anos. Além disso, 55% afirmaram que a casa onde vivem não é a “casa dos sonhos” e, dentre esses, a maioria atribuiu essa realidade a limitações econômicas. No interior das residências, nota-se a presença de eletrodomésticos mais acessíveis às camadas populares como o fogão à gás e as geladeiras. Contudo, também é possível identificar itens que indicam certa modernização e acesso a tecnologias, como o forno micro-ondas (presentes em 30% dos lares) e fritadeiras elétricas tipo *air-fryer* (encontradas em 38% das casas).

Gráfico 9 – Bens de consumo presentes na casa:



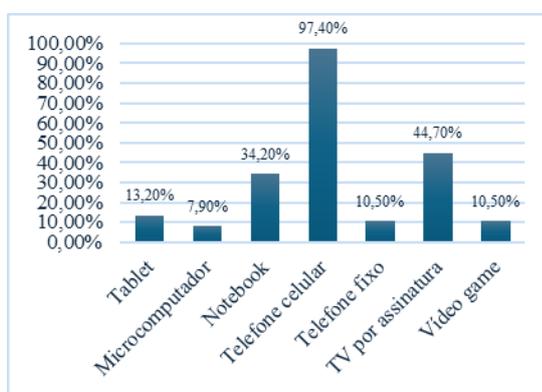
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A incorporação de panelas modernas na cozinha pode refletir novas demandas no tempo de cocção e mudanças nos modos de preparo dos alimentos. Contudo, não se pode ignorar que quase todas as propriedades mantinham o fogão à lenha em suas cozinhas (91,9%). A permanência desse equipamento aponta para a continuidade de práticas associadas a um estilo de vida tradicional, caracterizado pela utilização da lenha como combustível para cozinhar. Esses aspectos também estão relacionados à ação dos indivíduos, grupos ou comunidades e suas marcas identitárias, ou, como afirmam Feldman e Stall (1994), à forma como as pessoas “criam, elegem, usufruem, personalizam, transformam, melhoram, fazem uso intencional e cotidiano do ambiente para torná-lo seu próprio”.

Quanto aos dados sobre veículos, observa-se uma transição que evidencia o afastamento de um passado associado ao transporte animal. Charretes e carroças estavam presentes em 26,5% e 17,6% das propriedades analisadas, respectivamente. Apesar de 41,2% das famílias ainda manterem cavalos, eles não foram apontados como o principal meio de transporte usado no dia a dia. Esse dado sinaliza uma mudança relacionada à urbanização dos lares. No passado rural do Brasil, os animais desempenharam um papel crucial na ocupação territorial, servindo de base para a economia colonial e como símbolos de distinção social entre colonizadores e colonizados. Ter um cavalo representava o meio mais rápido e seguro para atravessar longas distâncias ou transportar cargas e mercadorias (Camphora, 2017). Atualmente, a predominância de automóveis, motocicletas e bicicletas reflete um campo mais conectado e integrado às dinâmicas urbanas. Mais de 87% dos domicílios possuem pelo menos um automóvel, apenas 23,7% não têm uma motocicleta, e metade das residências dispõe de uma ou mais bicicletas.

A presença expressiva de celulares (97,4%) e TV por assinatura (44,7%) nos domicílios evidencia a integração dos moradores ao mundo digital. A disponibilidade de serviços de internet facilita o acesso a recursos tecnológicos que hoje são essenciais para a modernização do ambiente doméstico, incluindo eletrodomésticos, dispositivos eletrônicos e plataformas digitais. Essas tecnologias, ao se incorporarem à rotina das famílias no campo, ampliam a conexão com os padrões de urbanidade e as dinâmicas sociais mais abrangentes, integrando essas famílias a redes de comunicação, educação e serviços online.

Gráfico 10 – Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) presentes na casa:



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Por outro lado, essas tecnologias impulsionam fluxos e intercâmbios que facilitam a globalização econômica, o compartilhamento de conhecimento e a cooperação. Estudos como os de Gomes (2016) e Vidal Tomeu et al. (2004) destacam que as tecnologias da informação e comunicação, em conjunto com os modernos meios de transporte, aumentam significativamente a velocidade na mobilidade no meio rural, promovendo uma nova percepção sobre o significado da distância nesses territórios.

Esse processo de transformação impacta diretamente a organização e a vivência do espaço doméstico, influenciando desde a distribuição dos cômodos e a escolha dos objetos até a gestão do tempo e a condução das atividades familiares. Em última análise, a presença dessas infraestruturas modifica não apenas as práticas sociais, mas também as relações espaciais no contexto rural, reforçando um movimento de urbanização que se manifesta nas vivências cotidianas, mesmo em áreas tradicionalmente afastadas dos centros urbanos.

No entanto, nem todas as transformações possibilitadas pelas tecnologias são facilmente perceptíveis, pois seus impactos podem ser muito mais profundos e complexos, provocando mudanças significativas na estrutura interna dos indivíduos (Nicolaci-da-Costa

(2002). Muitas dessas mudanças afetam diretamente as práticas cotidianas, as formas de pensar, organizar-se e interagir, tanto em contextos locais quanto globais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como as transformações nos modos de morar no campo revelam novas necessidades habitacionais ou referenciais alternativos aos modelos tradicionais, além de identificar mudanças nos *habitus* domésticos das famílias de agricultores residentes na Zona da Mata Mineira. Para tanto, foi tomada como referência a realidade de famílias de uma comunidade rural no município de São Miguel do Anta (MG).

Os resultados, que abrangem a caracterização das condições de moradia e do microambiente familiar, apontaram indícios de um hibridismo entre o rural e o urbano, ou, pelo menos, uma redução das distâncias entre os padrões habitacionais desses dois contextos, influenciada pelo processo de urbanização. Serviços básicos de infraestrutura, como energia elétrica, antes exclusivos das áreas urbanas, passaram a integrar a realidade das famílias pesquisadas. Por outro lado, embora todos os entrevistados afirmassem ter acesso integral à energia elétrica e à internet em casa, mais da metade descartava o esgoto de suas residências diretamente em rios ou lagos, revelando fragilidades nas condições de saneamento.

Na análise da estrutura física das casas rurais, constatou-se uma ampla adoção de elementos industriais na construção, como tinta industrial, revestimento cerâmico e blocos de concreto, enquanto materiais e técnicas tradicionais, como tinta à base de cal, pigmentos naturais e paredes de adobe, apresentaram baixa incidência. Apesar disso, os espaços e elementos presentes nas casas e propriedades como hortas e paiol, ainda refletem uma tipologia mais alinhada às habitações rurais, em contraste com a presença esporádica de características urbanas.

A prática de cultivo e criação de alimentos no domicílio, ainda significativa, aponta para a preservação de tradições, embora em um contexto distante da economia fechada do passado. Paralelamente, a expressiva presença e uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no cotidiano das famílias indica uma aproximação com os valores e símbolos da modernidade. A convivência de elementos tradicionais e modernos é evidenciada também na análise das tecnologias presentes nas propriedades: enquanto a maioria dos lares possui

automóveis e motocicletas, ainda é significativa a presença de cavalos, charretes e carroças, embora esses últimos não sejam mais os principais meios de transporte.

Esses cenários ilustram processos de urbanização em curso e mudanças associadas aos meios de transporte. Hoje, a predominância de automóveis, motocicletas e bicicletas reflete um campo cada vez mais integrado às dinâmicas urbanas e interconectado com a cidade, revelando a complexidade e a transformação contínua do modo de vida rural.

A capacidade de deslocar-se entre o campo e a cidade, assim como entre diferentes municípios da região, tornou-se uma parte essencial do cotidiano, especialmente para os mais jovens. O uso de motocicletas, por exemplo, proporciona uma locomoção significativamente mais ágil, em comparação às opções disponíveis para as gerações de seus pais e avós. Esse fenômeno, observado nos padrões habitacionais das áreas rurais, revela uma transformação na relação com o tempo e o espaço, mesmo em sociedades de baixo e médio Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), como é o caso da maioria dos municípios de Minas Gerais, incluindo os pequenos municípios da Zona da Mata mineira, como São Miguel do Anta. Tempo e espaço, antes percebidos como rígidos e delimitados, tornam-se mais flexíveis e dinâmicos, acompanhando tendências típicas das sociedades urbanas.

Por fim, a pesquisa evidenciou um processo de transformação nas formas de habitação das comunidades rurais, expresso por meio de alterações nos modelos residenciais e nos hábitos cotidianos de sua população. O maior acesso a tecnologias, práticas e bens associados à vida urbana tem sido conjugado com a persistência de elementos e práticas tradicionais, configurando processos de hibridização dos modos de vida. Esses processos manifestam-se na coexistência de valores e práticas da cultura urbana com costumes e hábitos característicos das sociedades rurais, resultando em uma integração dinâmica entre o tradicional e o moderno.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. *In*: NOVAIS, Fernando; SOUZA, Laura de Melo (Org.). **História da vida privada no Brasil**: cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 83-154.

BARBOSA, Livia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BRAGA, Gustavo Bastos; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho; PINTO, Neide Maria de Almeida. Padrões de consumo no campo: o modo de vida dos rurais brasileiros. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v. 4, p. 56-73, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRANDÃO, Carlos. **Transformações no campo**: modernização, urbanização e políticas públicas. *Curitiba*: Editora UFPR, 2018.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMPFORA, Ana Lúcia. Cavaleiros, mulas e mulatos. *In: Animais e sociedade no Brasil dos Séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Abramvet, 2017. p. 123-158.

COSTA, Irio Barbosa; MESQUITA, Maria Helena. **Tipos de habitação rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. *IN: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Maghon (Org.). Cidade e campo: relações e Contribuições entre urbano e rural*. São Paulo: Editora Expressão popular, 2010, 11-31p.

GOMES, Nayara Freitas Martins. Flexibilizando as fronteiras entre o campo e a cidade: a aproximação dos modos de vida rurais e citadinos através dos padrões de consumo. **Cadernos Do Leste**, 16(16), p. 1-18, 2016. <https://doi.org/10.29327/249218.16.16-5>.

GUIMARÃES, Edilene Pereira; PINTO, Neide Maria de Almeida; FIÚZA, Ana Louise de Carvalho. Os reflexos da urbanização do campo nos modos de moradia das famílias residentes na zona rural do município de Araponga – MG. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, v. 24, n. 2, p. 163-184, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro (1991, 2000 e 2010)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2001.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 193-202, 2002.

PEREIRA, Sandra Marques. **Casa e Mudança Social**: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

RAMBAUD, Placide. **Société Rurale et Urbanisation**. 1ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa:** pequena história de uma ideia. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Edusp, 1993.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Campo e cidade:** relações e contradições entre o rural e o urbano. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

WALL, Karin. **Famílias do campo: passado e presente em duas freguesias do Baixo Minho.** Lisboa, Publicações Dom Quixote (Coleção Portugal de Perto). 1998.